

TORGAL, Luís Filipe (2017). *Fátima. A (des)construção do mito*. Coimbra: Palimage, Coleção Raiz do Tempo, 75 pp., ISBN: 978-989-703-184-7.1

Com a chancela da Editora Palimage, integrado na Coleção Raiz do Tempo dirigida por Margarida Sobral Neto, saiu do prelo, no final de 2017, o livro em apreço. O autor, Luís Filipe Torgal, fatimólogo, distinguido dentro e fora do nosso país, é bem conhecido como licenciado, mestre e doutor em História Contemporânea, pela nossa e “sua” Faculdade de Letras de Coimbra; como investigador, laborioso e competente, do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, criado por seu Pai, Doutor Luís dos Reis Torgal; como professor de História, dedicado e pedagogicamente exemplar, enfim, conhecido, e sentido, como amigo grato, e filho, pai, marido e irmão, sempre presente e afetuoso.

O livro, em estilo elegante, representa um historiador caracterizado pela sua honradez científica e investigação de mão-cheia. O método usado radica no recurso constante às fontes, o mesmo é dizer às origens da informação. Por isso, todas as suas afirmações têm fundamento documental autêntico, princípio primaz da construção da História.

Entre algumas páginas destinadas a esclarecer que o livro “não é uma obra de índole historiográfica mas sim a assunção de que Fátima é um mito”, e uma assinalável relação de *Fontes e Bibliografia*, Luís Filipe Torgal ordena 4 capítulos: 1. *A história original*; 2. *Aparições/visões em tempo de fome, pestes e guerras*; 3. *A Igreja impôs Fátima*; 4. *Uma mensagem para cada época*. A obra surge, como todos sabemos, no ano das comemorações do 1.º Centenário do Milagre de Fátima (1917-2017). Ganha, por isso, particular destaque bem como, por exemplo, a presença do autor no Colóquio *Fátima, História e Memória*, organizado pela Academia Portuguesa da História e pelo Santuário de Fátima, ocorrido em Lisboa e em Fátima, nos dias 26 e 27 de maio. Tivemos, então, o ensejo de ouvir Luís Torgal sobre “O Republicanismo e Fátima”. Mas usando, agora, as palavras de Maria Luísa Malato, nossa Colega do Porto, “como falar de coisas que mais ninguém viu”? E continua a Autora: “se pensarmos mais demoradamente é afinal, o problema de todos os relatos considerados inverosímeis.” Na verdade, as Aparições de Fátima, descritas por 3 crianças, Jacinta, Francisco e Lúcia, atraem pela fascinação do oculto, do sobrenatural, causando, por isso, uma unanimidade, logo, todavia, quebrada quando o

¹ O livro foi apresentado no dia 3 de novembro de 2017, em Coimbra, na Casa Municipal da Cultura, Sala Sá de Miranda, pela autora desta nota e pelo historiador Augusto Monteiro.

encantamento dá lugar a irresistíveis interrogações, dúvidas e perplexidades.

Surgem, então, dois corpos com a mesma cabeça ou, dito de outra maneira, várias cabeças e um só corpo. Cabeças e pensamentos de católicos e historiadores, de ateus que não são historiadores, de católicos que não acreditam em Fátima, enfim, daqueles que não sendo nem católicos, nem ateus, nem historiadores, acreditam nas Aparições.

A meu ver, este nó górdio, deve-se ao facto de Fátima possuir, como é sabido, duas dimensões: a transcendente, que explica o Milagre, e a imanente, humana, que ao usar os instrumentos do método histórico-crítico procura desconstruir a primeira. São, pois, duas dimensões para, pelo menos, igual número de abordagens, legítimas, diga-se. Aquela que o livro em epígrafe nos apresenta, remete para o tratamento do assunto do ponto de vista histórico, a partir, como já disse, de uma análise documental rigorosa e imparcial. Luís Filipe Torgal nega, com efeito, o fenómeno na sua dimensão supra-humana, mas aprofunda-o enquanto recetor e projetor de dados político-sociais e culturais dos inícios do século XX.

Marco Daniel Duarte, autor da obra *Fátima e a criação artística (1917-2007) o Santuário e a iconografia - a arte como cenário e como protagonista de uma específica mensagem*, defende que “é com consciência de que a objectividade do discurso historiográfico é um frágil equilíbrio que é possível o estudo conducente à desconstrução dos mitos de Fátima que existem embora nem sempre resultem da actuação daqueles que científica ou apologeticamente defenderam Fátima”.

Em conclusão, Fátima será sempre, para uns, um lugar, tão só um lugar, na Terra, mas será, igualmente, para outros, ‘o lugar’, ‘o lugar’ inspirador, de paz, de oração, de penitência, de Fé, ‘o lugar’ sagrado.

MARIA JOSÉ AZEVEDO SANTOS

CHSC – U. Coimbra

mazevedo_santos@yahoo.com